

PEDRO RABELO E A COLUNA “NOTAS CIENTÍFICAS” NA *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 1891-1892

Riane Avelino Dias (UERJ/FFP)¹

Resumo: Este artigo tem como proposta produzir um conhecimento novo sobre o escritor carioca Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905) e sua atuação como autor e jornalista nos primórdios da Primeira República, investigada em fontes primárias na Hemeroteca Digital Brasileira/FBN. Objetiva-se apresentar parte da produção jornalística de Pedro Rabelo e sua contribuição para a propagação de conhecimento científico para o leitor da *Gazeta de Notícias*, em 1891 e 1892. Correlacionando esta produção com as bases do naturalismo na escrita do autor.

Palavras-chave: Belle Époque; Pedro Rabelo; Naturalismo

Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905), ou simplesmente Pedro Rabelo, foi detentor de uma carreira plural como jornalista, poeta, contista e funcionário público, chegando a chefe na Secretaria do Conselho da Intendência Municipal. Compunha junto a amigos célebres como Pardal Mallet (1864-1894), Paula Nei (1858-1897), Olavo Bilac (1865-1918), Aluísio Azevedo (1857-1913), Henrique Coelho Neto (1864-1913) e Sebastião Guimarães Passos (1867-1909), a primeira geração de literatos brasileiros a viver profissionalmente da escrita (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 1994). Enquanto viveu, Pedro Rabelo atuou em diversos projetos em parceria com esses escritores famosos, com destaque para a fundação da cadeira 30 na Academia Brasileira de Letras em 1897.

Pedro Rabelo dividiu seu pouco tempo de vida tanto entre à produção literária quanto à produção jornalística. Foi redator de vários textos jornalísticos e literários, também foi colunista de vulgarização científica na coluna “Notas Científicas”, na *Gazeta de Notícias*, mas não a assinava, nem mesmo com um pseudônimo, só sendo possível determinar a relação do escritor com a coluna através do obituário d’*O Paiz*.

Alguns jornais para os quais Rabelo contribuiu foram o *Correio do Povo* (órgão do Partido Republicano), *O Paiz*, como redator, *Diário Oficial* como repórter dos debates parlamentares, os periódicos *Diário de Notícias* e *Diário do Commercio*, a revista *A Estação*, o vespertino *A Notícia*, em que assinava o folhetim “Garatujas” com P.R., a revista ilustrada *A Cigarra*, que dirigiu ao lado de Bilac, o substituindo quando

¹ Graduada em Letras Português/Literatura (UERJ/FFP), pós-graduada em Estudos Literários (UERJ/FFP), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN (UERJ/FFP) e bolsista FAPERJ. Contato: rianeavelinodias@gmail.com

este se retirou. O diário *A Capital*, de Niterói (atuando como jornalista) e a *Gazeta de Notícias*, entre tantas sessões humorísticas e informativas, como a já citada coluna “Notas Científicas”, e a coluna “O Filhote”, que posteriormente se tornou um jornal avulso. No ano de sua morte, contribuiu para a revista *Anais: Semanário de Literatura, Arte, Ciência e Indústria*.

O termo vulgarização científica era utilizada nos jornais do século XIX sem que houvesse nenhuma conotação pejorativa. Vulgarizar o conhecimento se referia a transformar relatos científicos complexos para boa parte do público em um produto mais palatável e aplicável ao cotidiano do leitor comum brasileiro. Moema Vergara em seu *Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” no Brasil do século XIX* (2008) afirma que

A vulgarização científica do século XIX trazia consigo vários dos elementos enunciados pela tradução: o limite na transmissão dos conteúdos; a preocupação de estar ao alcance de todos e assim conferir um efeito universal ao conhecimento; além de carregar consigo também a centelha do novo. Se isso é verdade, então posso afirmar que a vulgarização ou divulgação é uma atividade criadora, ou seja, faz surgir algo que não existia anteriormente. No caso da vulgarização do século XIX, ela estava anunciando as inovações do mundo da ciência que, a partir daquele momento, fariam parte da cultura letrada, como eletricidade, vacina, telefone, entre outros, mesmo que o seu princípio científico permanecesse pouco conhecido (VERGARA, 2008, p. 139).

Este anúncio das inovações condiz perfeitamente com os ideais almejados pela *Gazeta de Notícias*, que incentivava e ansiava por este tipo de conteúdo em suas páginas. Com as “Notas Científicas”, temos um produto informativo como pede a mídia jornalística e a “centelha do novo” e o “fazer surgir algo que não existia antes”, conceitos próximos do fazer literário científicista, quiçá naturalista, por exemplo.

Maria Tereza Chaves de Mello em *A república consentida* (2007) apresenta uma análise completa sobre o período histórico pós-império e nela, a historiadora declara que na época do Naturalismo

Clamores foram levantados contra o subjetivismo excessivo, as idealizações descoladas da realidade, a pieguice lacrimosa, o indianismo. Proclamou-se, em oposição, a superioridade do retrato fiel da sociedade – prevalentemente, a urbana –, dos costumes, das situações, das vivências humanas, descritas com verdade e imparcialidade (MELLO, 2007 p. 106).

Tanto como jornalista ou como escritor ficcional, Rabelo constantemente escrevia sobre os dias de sua comunidade e as mazelas a que estavam sujeitos. Pedro Rabelo aproximava os leitores da *Gazeta de Notícias* de textos científicos e das novas descobertas em diversas áreas, orientando e atribuindo utilidades para os cidadãos não cientistas, com uma temática ampla e com grande destaque no jornal, visto que sempre se localizava nas páginas iniciais do periódico.

Na sua produção ficcional, a descrição do microcosmo do interior da casa carioca, ou das ruas e comércios da metrópole é presença frequente e tornava a narrativa mais “real” para os leitores que estavam habituados a ler Rabelo na *Gazeta*. Por isso, conhecer a produção científicista de Rabelo reforça a hipótese de que sua escrita ficcional pode ser lida como naturalista.

Para José Veríssimo, o naturalismo mostrou-se como um levante contra o romantismo, uma manifestação idêntica ao protótipo do naturalismo francês sem inovar-lhe nem alterar-lhe nada e modelando-se ao estilo de Émile Zola (1840-1902) quase exclusivamente. Entretanto,

Não seria, porém, justo contestar-lhe o bom serviço prestado, tanto aqui como lá, às letras. Ele trouxe à nossa ficção mais justo sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir (VERISSIMO, 1929 p. 158).

Foi, portanto, uma manifestação ideológica necessária para se desfazer do modelo sonhador dos românticos, despertando um espírito mais realista e objetivo, mais compatível com o período de luta por direitos em que se encontrava a sociedade brasileira. Uma escrita compatível com o ideal de liberdade e república, a possibilidade de se viver do trabalho com as letras, o que cada vez mais estava próxima da realidade destes jovens escritores (MELLO, 2007).

Para ilustrar este momento do jornalismo carioca e de Pedro Rabelo, temos as “Notas científicas” que com seu científicismo aproximava seus leitores e instigava-os a buscar mais informações sobre os progressos tecnológicos que fervilhavam nos periódicos nacionais e internacionais. Estimulando o surgimento de uma nova geração de escritores (naturalistas em sua maioria) e de cientistas.

No período em que o escritor viveu, a imprensa se destacava como um grande meio de comunicação, capaz de construir e disseminar a opinião pública, e se tornava um dos principais meios de visibilizar os ideais abolicionistas e republicanos crescentes no período. Os jornais, revistas, livros, panfletos e opúsculos são apontados como alguns dos principais métodos de divulgação científica e literária para o público letrado, “mas as conversas de rua e nas confeitarias, os clubes, as conferências, os rumores, a leitura dos jornais em voz alta, as ilustrações [os blocos de Carnaval] faziam chegar os debates ao homem comum e aos ágrafos.” (MELLO, 2007 p. 13) Com este novo ritmo de consumo do público leitor, o mercado livreiro e a preocupação editorial se desenvolviam de modo a manter seus consumidores constantemente atualizados com o que acontecia no exterior.

Era a época da campanha abolicionista e das batalhas pela república. A juventude boêmia se agrupava em torno dos jornais. Pois, a oportunidade de ser acolhido e contratado, somado ao aumento no número de impressos, ampliava as oportunidades de trabalho para jovens escritores cultos e sem herança, como Pedro Rabelo. O sonho de conseguir trabalhar em uma produção pensada e construída em torno dos ideais de república e abolicionismo que ele e seus amigos divulgavam a plenos pulmões, e pelos quais alguns foram presos e exilados, e ainda receber por estes escritos tornara-se realidade.

Guilherme Guimarães Martins aponta, em sua dissertação de mestrado *Vulgarização e triunfo das ciências: A imprensa científica na segunda metade do século XIX* (2017), que:

Inúmeros jornais surgiram exibindo em seus editoriais as mesmas pretensões: contribuir para o progresso material e moral da sociedade brasileira a partir das práticas vulgarizadoras. A premissa de que era possível utilizar o conteúdo pragmático da ciência para solucionar pequenos entraves do cotidiano, trazendo melhorias na vida diária, escondia a superficialidade das práticas, já que não objetivava o conhecimento especializado (MARTINS, 2017. p. 14).

No Brasil do fim do século, a *Gazeta de Notícias* compartilhava valores de republicanismo e laicidade, fundados na ideia de que era essencial propagar o conhecimento científico para o maior número possível de pessoas e Pedro Rabelo tinha grande preocupação com o pensamento científico. Um dos principais indícios deste fato é a quantidade de contribuições que fez para diversos jornais, mas, principalmente para

a *Gazeta de Notícias*, que foi um jornal que sempre teve uma preocupação política e social, que democratizou a informação e formou a opinião pública de seus leitores. (SIMÕES JUNIOR, 2007. p. 117 e 128)

Em “Notas Científicas”, a variedade de conteúdos dialogava entre si, mesmo quando se referiam a temas completamente diferentes. Não havia uma seleção hierárquica de um assunto com mais ou menos valor/importância. Rabelo construía textos coesos, extensos e utilizava travessões para indicar a mudança de assunto. Geralmente eram publicados na primeira ou segunda páginas da *Gazeta de Notícias*.

Destacamos que seu texto ocupava quase duas frações da página do jornal e este feito é comumente observado apenas em textos literários trazidos pelo jornal ou propagandas. Entre 1891 e 1892, Pedro Rabelo escreveu um total de 20 crônicas de vulgarização de conhecimento técnico e científico.

Para cumprir a tarefa, o escritor lia publicações científicas recentes, especialmente francesas e publicações de eventos e encontros na área das ciências. As crônicas cobriam temas das áreas de medicina, fotografia, eletricidade, telefonia, astronomia, botânica, biologia, paleontologia e curiosidades, mas a temática que mais lhe interessava era a tuberculose, pulmonar ou não. Rabelo procurava manter os termos técnicos e reproduzir a linguagem científica.

Pedro Rabelo citava na coluna nominalmente médicos, cientistas ou engenheiros que estivessem envolvidos com a temática em questão. Porém, como apontado por Vergara, vulgarizar se refere, antes de tudo, a falar para leigos, por isso, o autor buscava simplificar as explicações, as experimentações e os resultados para aqueles que porventura desconhecem suas funções e/ou métodos. Atribuindo a essas notícias um uso real e imediato para a vida cotidiana do leitor carioca do século XIX e por vezes empregava o seu parecer pessoal.

Destacamos neste recorte apenas as colunas dedicadas ao tema da medicina e do tratamento da tuberculose e de estudos científicos publicados em congressos de saúde internacionais e pela Academia de Medicina de Paris. A principal fonte de informações desta face da produção do autor é a Hemeroteca Digital Brasileira/FBN, que disponibiliza inúmeros exemplares digitalizados de jornais e revistas em que esta geração trabalhou. O que tornou possível um levantamento mais organizado da coluna e suas publicações.

Algumas de suas publicações sobre tratamentos de tuberculose, não necessariamente a pulmonar, propunham a inoculação de substâncias no corpo do doente. Por exemplo, um médico alemão propõe uma injeção de cantharidato de potássio que, supostamente, estimula o soro do sangue a atacar o tecido tuberculoso. Ele (o pesquisador) se baseou em estudos anteriores que comprovavam as características bactericidas do soro do sangue e idealizou um método que potencializasse essa propriedade e direcionasse o tratamento para o interior do tecido contaminado. O médico afirma ter submetido um grupo ao tratamento e ter bons resultados.² Outro experimento baseado na mesma premissa, sugeria uma vacina de linfa de novilha retirada do cérebro do animal. E na qual, os doutores responsáveis também afirmavam ter bons resultados em seus testes.³

Em outro caso, médicos discutiram durante uma comunicação na Academia de Medicina de Paris sobre tratar a tuberculose localmente com uma injeção de cloreto de zinco. A discussão se deu por que um dos ouvintes reclamou para si a prioridade do método. Por estar desde 1879 tentando modificar o tecido tuberculoso com injeções de sulfato de zinco, que em sua opinião, é melhor que o cloreto por não causar escaras. Outro médico, aplaudindo a comunicação, afirmou ter excelentes resultados com o uso de compressão elástica na articulação doente, portanto, não vê a necessidade de fazer inoculação nos pacientes. Entretanto, o comunicador explicou que seu objetivo não é modificar e nem matar o tecido adoecido e sim potencializar as forças do tecido saudável e forte no entorno do tecido tuberculoso para comprimi-lo.⁴

O único tratamento que animou Rabelo, e da qual ele relembra os leitores em outras notícias que falam sobre tuberculose, é o tratamento proposto na Academia de Medicina de Paris que utiliza uma câmara de atmosferas artificiais. Nesse experimento o tratamento é feito em uma câmara metálica especial com ar comprimido injetado até chegar a meia atmosfera. Este ar esteve previamente em contato com creosoto, um tipo de remédio para tosse, e eucaliptol. O doente permanece nesta câmara por duas ou três horas, todos os dias, durante seis ou oito meses para potencializar a penetração dos

² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 mar 1891. p. 1. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

³ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 jun 1891. p. 1. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁴ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 set 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

medicamentos no corpo doente.⁵ Neste experimento, os pacientes não se curaram, mas tiveram melhoras significativas. E é o único tratamento proposto adequado para a tuberculose pulmonar humana.

A questão sobre o tratamento desta doença, em humanos e animais, é tão importante, e mundialmente problemática, que se instituiu um Congresso Internacional da Tuberculose para que houvesse um ambiente em que os estudiosos da área pudessem se reunir e expor as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas especificamente para curar ou amenizar a doença. Nele diversas questões importantes sobre a doença foram desmistificadas. Por exemplo, comumente os pesquisadores utilizavam culturas de tuberculose adquirida em galinhas ou outras aves, mas neste congresso um grupo de pesquisadores apresentou argumentos que justificam a afirmativa de que a tuberculose aviária não é semelhante à do homem.⁶

A experiência se baseou na exposição de alguns roedores à tuberculose aviária e outros à tuberculose humana e seu monitoramento até a morte dos animais. A maior diferença notada foi na autópsia dos animais; àqueles expostos a tuberculose de aves não manifestaram nódulos ou qualquer outra característica que indicassem que o animal morreu de tuberculose. No grupo exposto a tuberculose humana haviam nódulos e pústulas nas autópsias. Além disso, as culturas de cada tipo da doença são diferentes entre si. Cientistas que acreditam nessa hipótese estão refazendo suas experiências para alcançar a tão esperada cura para a tuberculose.⁷

Outra questão solucionada pelo evento foi a desmistificação da crença de que filhos de tuberculosos herdavam a doença. O que ocorre na verdade é que o bebê adoece por conviver com pais doentes, portanto, a recomendação é que se afaste rapidamente o bebê da mãe para que ele também não adoça.⁸

Em uma comunicação feita à Academia de Medicina de Paris, pesquisadores afirmam que devemos ferver muito bem o leite de vaca antes do consumo pois, a vaca (e o seu leite) podem transmitir tuberculose. Mesmo uma vaca visivelmente robusta e

⁵ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 mai 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁶ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁷ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁸ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

saudável pode estar internamente contaminada pelo vírus. O ideal seria que o gado brasileiro fosse examinado para comprovar que não há perigo, mas isto não é feito, portanto, a solução é ferver o leite.⁹

Novo emprego da tuberculina de Koch no diagnóstico de tuberculose em bovinos. A proposta nada mais é do que injetar tuberculina nos animais e observar, aqueles que apresentarem qualquer reação a injeção, como febre, devem ser isolados do rebanho e examinados minuciosamente por um veterinário. Em testes feitos em um pasto em Paris, vacas que não possuíam nenhum sinal de doença tuberculosa reagiram a vacina, foram sacrificadas e autopsiadas. Durante o exame foi comprovado que estes animais estavam realmente doentes. Por não causar reações em bovinos saudáveis e nem interferir no leite produzido por eles, a coluna incentiva que proprietários de fazendas de bovinas devem ficar atentos e seguir o exemplo dos parisienses.¹⁰

Além do tratamento, a coluna também se preocupa em informar seus leitores sobre formas de contágio e alertar os governantes para um saneamento adequado da cidade, a fim de inibir uma epidemia.

Um dos exemplos de contágio que Rabelo publicou foi retirada da Imprensa Médica de Viena. Nela um cientista afirma que é de suma importância lavar muito bem as frutas antes de ingeri-las. Pois o pó das ruas que se acumula sobre as frutas traz vários contaminantes, entre eles o da tuberculose, visto que os doentes andam pela cidade e cospem em todo lugar espalhando a doença. Ele comprovou esta hipótese em seu laboratório injetando a água que usou para lavar as frutas em três porquinhos da Índia. Um morreu em dois dias de peritonite e os outros dois após quarenta e cinco e cinquenta e nove dias, respectivamente, de tuberculose.¹¹

Em outra publicação a coluna alerta para que as companhias ferroviárias prezem pelo máximo de asseio e que desinfetem as cabines, pois investigações apontam que há bacilos de tuberculose sendo espalhados por cabines de companhias ferroviárias. Isso se

⁹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 mar 1891. p. 1. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

¹⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jan 1892. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

¹¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 mai 1891. p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

deve à grande circulação de doentes sendo transportados de uma região para a outra e deixando rastros da doença.¹²

Era notável a variedade de assuntos abordados na coluna e o talento de Pedro Rabelo para criar diálogos entre os assuntos, ao mesmo tempo em que os tornava úteis e interessantes ao leitor da *Gazeta de Notícias*, assim como seu interesse e crença no pensamento científico e no progresso tecnológico.

A tuberculose era altamente contagiosa, dolorosa, considerada incurável e o escritor de 23 anos sofria na própria pele os malefícios causados por ela, e isso pode justificar o grande espaço que ocupa nas 20 colunas que escreveu para as “Notas Científicas”. Todos conheciam alguém afetado pela doença, Pedro Rabelo incluso. Faleceu com apenas 37 anos de tuberculose.

Referências

MACHADO, Ubiratan. *Pedro Rabelo: cadeira 30, ocupante 1*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

MARTINS, Guilherme Guimarães. *Vulgarização e triunfo das ciências: A imprensa científica na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Literatura e história social: a geração boêmia no Rio de Janeiro do fim do Império*. História Social, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 29-64, 1994.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso: estudo da poesia de Olavo Bilac em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Unesp, 2007.

¹² *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 set 1891. p. 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 10 jul. 2018

VERGARA, Moema de Rezende. *Ensaio sobre o termo “vulgarização científica” no Brasil do século XIX*. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, jul – dez 2008.

VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira (1916)*, 2ª ed. Rio de Janeiro/Paris: Francisco Alves & Companhia./Aillaud & Bertrand, 1929.

Jornais

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro: [s.n], 1875-1956.

O Paiz. Rio de Janeiro: [s.n], 1884-1934.

Sites

<http://www.academia.org.br>

<http://memoria.bn.br/>